

Artigo original  
Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro  
ISSN: 1809-1261  
UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

Recebido em: 28/3/2014

Avaliado em: 3/4/2014

Aprovado em: 18/5/2014

## **Um ensaio sobre a economia argentina: do século XIX a Primeira Guerra**

CUNHA, George Henrique de Moura<sup>1</sup> e ELLERY JUNIOR, Roberto de Goes <sup>2</sup>

Resumo: O ensaio trata do desenvolvimento da economia Argentina durante o século XIX e o início do século XX. No início do século XIX a pecuária era a atividade econômica mais importante na Argentina. Depois, por conta de crises externas e questões internas, veio desenvolvimento da agricultura e a expansão da fronteira agrícola. Na sequência é feita uma análise das transformações causadas pelas ferrovias e do papel do capital externo. Após uma análise das migrações e das transformações na economia argentina é feita uma discussão sobre a era de ouro do crescimento econômico e da industrialização do país, período em que a renda per capita da Argentina era próxima a dos países desenvolvidos. O ensaio termina com uma análise da dependência de capital externo e dos efeitos desta dependência no fim da era de ouro e no posterior colapso da economia Argentina.

Palavras-chave: Argentina História Econômica; Industrialização.

Abstract: The essay presents the development of the Argentine economy during the nineteenth century and early twentieth century. In the early nineteenth century ranching was the most important economic activity in Argentina. Then, due to external crises and internal issues, came the development of agriculture and the expansion of the agricultural frontier. Then the essay deals with the analysis of the transformations caused by the railroads and the role of foreign capital. In the sequence topics on migration and changes in the Argentinian economy are presented following to a discussion on the golden age of economic growth and industrialization of the country, during which time the per capita income in Argentina was close to that of developed countries. The essay concludes with an analysis of the dependence on foreign capital and the effects of this dependence by on end of the golden era and the subsequent collapse of the Argentine economy.

Key words Argentine; Economic History; industrialization.

---

1 Doutor em Economia.

2 Doutor em Economia.

## 1. Introdução

Durante o período colonial, a atual república argentina era conhecida como as Províncias Reunidas do Prata. Desde a sua independência em 1810, sua história é marcada pelo constante conflito entre a cidade de Buenos Aires e as províncias do interior, pelo controle político do país. No duelo entre o porto de Buenos Aires e as demais regiões, Buenos Aires tinha um trunfo que as demais províncias não possuíam, o controle do delta do Rio da Prata, que lhe garantiria uma supremacia econômica sobre as demais regiões do país. Nesse sentido, a maior parte dos recursos arrecadados pelo governo eram provenientes das Alfândegas de Buenos Aires. Grande parte da política Argentina, reproduziu uma disputa entre grupos conservadores e liberais que lutavam pela centralização e federalização, que se manifestava por todo o continente americano. Enquanto esta contenda não se resolvia, o clima para desenvolver negócios no país era prejudicado.

Este quadro é alterado, somente após a pacificação do país (Lynch, 1984:668), quando o general Bartolomé Mitre (1862 a 1868) assume a presidência da república e torna-se reconhecido pelas demais províncias<sup>3</sup>. Nesse momento, o aparato institucional era bastante precário (Fausto e Devoto, 2004: 668)<sup>4</sup>. Não havia um quadro jurídico nacional, pois cada província tinha suas próprias regras. Quatro anos antes, em 1858, a Província de Buenos Aires havia introduzido sua legislação comercial. Com a posse de

---

3

Embora algumas manifestações de rebeldia ainda acontecessem, eles estavam restritos nas próprias províncias e eram fenômenos locais.

4

Naquele momento, a estrutura para funcionamento do Estado argentino era bastante precária. O Estado não dispunha de edifícios próprios e nem mesmo funcionários em quantidade suficiente.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

Mitre, esta mesma legislação é estendida para toda a nação. Nos anos seguintes, outros conjuntos de leis foram aprovados, em 1871, um código civil e em 1880, um código penal.

Durante este período, as instituições argentinas praticamente não existiam. Segundo Fausto e Devoto (2004:85): “O Estado não possuía um Poder Judiciário Nacional organizado, nem juízes federais, nem de uma Suprema Corte de Justiça; não contava com uma Controladoria Nacional, nem sequer de uma Tesouraria”

Era verdadeiramente um caos administrativo, que a administração nacional deveria solucionar. Naquele momento, a única força que o governo dispunha era a organização do Exército nacional, que era formado com base nas forças militares da província de Buenos Aires (Fausto e Devoto, 2004:85).

O cenário encontrado pelo General Mitre, em virtude da grande carência de funcionários estatais é radicalmente alterado na década seguinte. Em 1876, o governo nacional contava com mais de treze mil funcionários públicos (Fausto e Devoto, 2004:85). Nas primeiras cinco décadas de autonomia política, a Argentina não possuía um sistema monetário próprio. Circulavam diversas moedas provinciais e moedas de prata provenientes da Bolívia. Somente com a adoção do padrão ouro em 1881, é que circularia uma moeda nacional.

## *2. ECONOMIA ARGENTINA 1811 A 1870: A ERA DA LÃ*

Entre 1811 e 1850, a principal atividade econômica argentina era a criação de gado, uma atividade que necessitava de um reduzido volume de capital inicial e de pouca mão-de-obra. Esta atividade estava concentrada na

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

região nordeste do país e nas margens do Rio da Prata e do Oceano Atlântico.

Neste sentido, o eixo econômico do país estava localizado justamente onde havia facilidade de deslocamento de mercadorias, isto é, o comércio entre as províncias de Entre Ríos e Corrientes ao Porto de Buenos Aires.

A agricultura era pouco desenvolvida em virtude das péssimas condições de transporte, que encareciam substancialmente os fretes. Era mais barato importar trigo ou farinha de trigo do que produzir localmente para o mercado de Buenos Aires.

Segundo Frontons (2009:61-62), na década de 1820, o principal produto de exportação argentino era o couro bovino, e em menor grau a lã ovina. Neste período, o embarque de couro para os mercados externos superava em 50 para 1, os embarques de lã. Após o período de independência a economia argentina estava em processo de transformação, a produção de couro bovino estava gradualmente dando lugar a produção de lã de carneiro.

O desenvolvimento da criação de caprinos em território argentino é resultado do aumento no consumo na França e nos Estados Unidos. Assim, posto, com maiores possibilidades de venda no mercado externo, o interesse pela criação de carneiros, cresce, substancialmente. Durante grande parte da primeira metade do século XIX, lã era a principal matéria prima da indústria têxtil, nos mercados internacionais (Hora, 2010:100-1001). Nesse caso, os recursos para o desenvolvimento desta atividade estavam nas mãos dos argentinos. Inicialmente, havia terras em abundância para isto. Entre 1852 e 1881, os rebanhos ovinos crescem de quinze milhões de cabeças para cinquenta e sete milhões e oitocentos mil. Em quase trinta anos, os rebanhos haviam crescido quase 285%. Chiaramonte apud Lenz (2004:72) afirma que nesse mesmo período, os rebanhos de gado bovino haviam crescido também, porém de maneira mais modesta, somente 56%.

O forte uso da terra para servir de pastagens para o gado ovino,

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

proporcionou o aumento na demanda por novas terras, exigindo por conseguinte mais mão de obra e capital. Nos primeiros anos do país isso não proporcionava nenhuma pressão sobre os preços das terras. Todavia, por volta de 1860, a crescente expansão dos pastos para a pecuária começava a escassear a disponibilidade de terras.

### 3. A CONQUISTA DO DESERTO

O acesso a terra não foi um problema tipicamente argentino, pelo contrário se manifestou por toda a América Latina. Durante o processo de independência política, as melhores terras foram absorvidas por aqueles que detinham o poder econômico e político em toda a região. Landes (1998:365) assinala que a igreja possuía um espaço territorial e político considerável nas novas nações, pois ela havia conseguido manter seus direitos e propriedades praticamente intactas. A falta de terra livre foi uma das piores heranças do regime colonial, quando vários domínios foram dados “de mão beijada” à igreja e a homens de respeito e poder e a sobras erram arrebatadas durante os conflitos que se seguiram após a independência.

Nas últimas três décadas do século XIX, a criação de gado bovino e caprino estava restrita a áreas não concorrentes da agricultura. Isto era consequência de uma grava crise ocorrida durante o início da década de 1870. Todavia, os conflitos pelo uso da terra entre agricultores e pecuaristas começaram com a introdução da cerca de arame farpado. Em vista disso, na última década do século XIX, foram importadas mais de vinte mil toneladas de aramente farpado.

No começo da década de 1870, ocorre uma crise econômica no

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

continente europeu e no mercado norte americano, como consequência direta da guerra entre a França e os Estados Germânicos, que afetou profundamente a capacidade de importação dos franceses. Os Estados Unidos por sua vez, entraram em uma guerra contra os estados do sul, para manterem sua unidade (Bulmer-Thomas, 2010:76). Assim, reduzido o volume de importações efetuadas pela França e Estados Unidos, os preços das carnes e lãs exportadas caíram consideravelmente. Em razão disso, a economia argentina entra em um breve período de recessão. Para piorar a situação, o grande aumento nos rebanhos, associado a uma demanda externa estagnada, pressionava ainda mais para baixo os preços dos produtos pecuários. Nesse sentido, não havia como manter a rentabilidade do setor pecuarista, e as condições econômicas da França, foi gradualmente reestabelecidas, de modo que a rentabilidade do setor reduziu-se ao longo de toda a década de 1870.

Com esta nova condição possibilitou que criadores de gado platinos buscassem alternativa para manterem seus lucros elevados e aumentar ainda mais a produção pecuária para compensar a queda no valor do seu produto. Nesse sentido, a solução encontrada passava necessariamente pela expansão da fronteira econômica<sup>5</sup>.

Para tanto, havia, naquele momento, condições extremamente favoráveis para a adoção desta política, visto que a região sul do país, nos pampas, ainda havia grandes extensões de terras intocadas que não estavam sendo aproveitadas comercialmente, mas que eram propícias para a prática da agropecuária. Existia, porém, um pequeno obstáculo a ser superado: estas terras eram habitadas por povos indígenas que não aceitariam pacificamente entregar seus territórios em nome do progresso.

Em décadas anteriores, o poder da política de Buenos Aires estava

---

5

No final da década de 1870, a crise econômica já havia sido superada.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

limitado a umas poucas centenas de quilômetros junto às cercanias da cidade, e as fronteiras mais ao sul não estavam bem definidas. As terras localizadas nos pampas e, mais ao sul, por exemplo, a Patagônia não haviam sido pacificadas, e era motivo constante de preocupação dos habitantes fronteiriços. Alguns grupos indígenas eram acusados de roubar o gado dos estancieiros argentinos para venderem nos mercados bolivianos e chilenos. Praticamente, as zonas de fronteira não estavam pacificadas, e a ação do Estado Argentino para controlar estas áreas era reduzida.

Segundo Flórida (2002:154-155), somente após a unificação do Estado argentino de 1862, quando é finalizada a disputa política entre a Buenos Aires e as províncias do interior, é que foi possível concentrar esforços para aumentar a influência nesta região<sup>6</sup> e também definir as fronteiras nacionais. Isto somente tornou-se possível com o fortalecimento do poder militar do país, durante o mandato presidencial de Domingo Sarmiento, entre 1868 e 1874 e de seu sucessor, Nicolás Avellaneda, entre 1874 a 1880.

Esta expansão, denominada de “a conquista do deserto”, ocorrida entre, 1875 e 1879, apenas foi possível devido a um conjunto de operações militares, que buscaram essencialmente expulsar das suas terras, os povos indígenas que ali habitavam (Lenz, 2006:543-544). De acordo com Cortês-Conde (1984:499), as ações militares foram ajudadas em grande parte pelo uso das ferrovias e do uso dos telégrafos. O primeiro possibilitou reduzir o tempo de deslocamento de tropas<sup>7</sup> militares e mercadorias para as regiões de fronteira agrícola; e o segundo melhorou as comunicações com Buenos Aires.

---

6

Os chilenos também reivindicavam a posse das terras localizadas na patagônia e nos pampas. Suas demandas foram finalizadas com um acordo com o Governo argentino, com o início da guerra do Pacífico (1879-1883).

7

A conquista do deserto na argentina e a conquista do oeste nos Estados Unidos aconteceram praticamente na mesma data. O papel do exército nestes movimentos foi fundamental para garantir o acesso às novas terras e ajudar expulsar os indígenas que ali habitavam a várias gerações.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

Em 1880, após três décadas de grande desenvolvimento, a criação de ovinos consolidou-se como a principal atividade pecuária da nação. Esta atividade para desenvolver-se usa as terras mais férteis do país e, como resultado ela proporcionava mais de dois terços das exportações argentinas (Hora, 2010:184-185). Entretanto, o crescimento da pecuária ovina não ocorreu devido à redução na pecuária bovina. Pelo contrário, a pecuária bovina desenvolveu-se deslocando para terras mais baratas e que apresentavam pastos inferiores, cuja oferta aumentou consideravelmente em consequências das campanhas militares.

Para Lenz (2004:565-567) a guerra travada entre o exército argentino e os povos indígenas, constituiu em uma das principais razões que possibilitaram, pela incorporação de grandes extensões de terras férteis para a produção de diversas culturas agrícolas, no alicerce do modelo exportador de produtos primários, além de praticamente definir as atuais fronteiras do território argentino..

Durante a década de 1870, as condições financeiras do Estado argentino não eram suficientes para pagar despesas do exército nacional na “conquista do deserto”. Para resolver este problema, os fundos necessários para esta campanha foram levantados junto aos grandes pecuaristas nacionais. Ao final do conflito, a maior parte das novas terras foi repartida, entre os próprios que financiaram aquela ação e alguns militares de alta patente. Em outras palavras, o acesso a terra continuava nas mãos daqueles que controlavam o país (Landes, 1998:365)<sup>8</sup>.

Argentina e Estados Unidos apresentaram histórias semelhantes, com relação à expansão de sua fronteira agrícola durante a segunda metade do século XIX. “A conquista do deserto” realizada pelo governo argentino teve

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

como característica semelhante à perseguição dos povos indígenas pelo exército norte-americano. Todavia, os resultados no campo foram bem distintos entre os dois países. Na Argentina, o espólio da terra ficou concentrado a poucas famílias, que possuíam grandes latifúndios e cuidavam do gado e da monocultura, enquanto que nos Estados Unidos a terra foi distribuída para pequenos produtores familiares para a prática da policultura.

Assim posto, eliminado o problema indígena, restava agora ocupar as novas terras aberta pela conquista do deserto. Assim, aumentar a produção pecuária como forma de compensar a queda nos preços, era a alternativa a ser buscada. De modo que, para que isto fosse possível, era necessário aumentar o tamanho dos rebanhos, que por sua vez exigiram mais terras para o seu pasto. Assim, o problema central seria resolvido ao manter a rentabilidade dos seus negócios por meio de aquisições de novas terras, e de preferência com custos cada vez mais baixos.

Havia uma prática enraizada do Estado Argentino em favorecer aos grandes pecuaristas. Desde o governo de Rosas em 1829, até o governo de Roca, o Estado havia doado ou vendido a baixo preço quase trinta e três milhões de hectares (Bagu, 1961:114). No final do século XIX, praticamente não havia mais terras livres para que o Estado argentino pudesse oferecer. Naquele momento, os campos já possuíam dono, com a pressão por novas terras para fornecimento de carne e grãos, o preço das propriedades rurais aumenta substancialmente em um processo de especulação.

Assim, com o aumento do fluxo migratório para os campos, os novos trabalhadores europeus dificilmente conseguiam recursos para comprar terras e formar colônias de pequenas e médias propriedades (Bagu, 1961:114-118). Desse modo, o processo de especulação nos preços das terras se constituiu em forte obstáculo para a formação de uma classe média rural.

#### 4. AS FERROVIAS E O CAPITAL EXTERNO.

O papel das ferrovias no desenvolvimento econômico argentino é extremamente importante. Com a introdução das estradas de ferro, foi possível transportar mercadorias do interior para o litoral. Se por um lado, a geografia argentina ofertou uma grande quantidade de terras férteis e baratas propícias à prática da atividade agrícola e pecuária, por outro não ofereceu condições naturais para escoar esta produção para os mercados consumidores localizados no exterior. Com exceção do Rio da Prata e outros pequenos rios navegáveis, grande parte do desenvolvimento agropecuário esteve limitado pelos elevados custos de transporte.

Uma consequência direta da implantação de um sistema de estradas de ferro foi à possibilidade de redução dos custos de transportes. Um bom exemplo disso é que: entre 1857 e 1910, os transportes ferroviários conseguiram reduzir substancialmente os fretes. As maiores quedas ocorreram justamente nos primeiros vinte anos. Assim, entre 1857 e 1884, verificou-se uma redução de mais de 70% do preço do frete ferroviário, em relação a mesma mercadoria transportada por carroças e carros de boi. E, entre 1884 e 1910, esta redução havia sido de um pouco mais que 23% (Lenz, 2004:99).

A rede ferroviária argentina cresceu substancialmente, entre 1870 e 1880, tanto em extensão, como por carga transportada. Os incentivos do governo argentino eram consideráveis para atrair capitais para este setor. Em 1907, foi aprovada uma lei pelo Congresso Argentino limitando a três por cento

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

do lucro líquido e isentando todas outras formas de imposto, para as empresas que construíssem novas estradas de ferro (Rapord apud Lenz, 2004:101).

O papel das estradas de ferro no desenvolvimento econômico argentino neste processo teve caráter fundamental. Pois, por este caminho as ferrovias permitiriam reduzir substancialmente o valor do frete dos produtos agrícolas, produtos ao cais do porto e com isso reduzir seus custos, tornando mais competitivo no mercado internacional.

Neste ponto, a argentina tinha o que ganhar nas últimas décadas do século XIX: visto que ela possuía uma geografia extremamente favorável que permitia construir estradas de ferro a um custo extremamente baixo, quando comparado com outras áreas produtoras de bens primários, como Brasil e México.

Nos anos de 1870, a malha ferroviária argentina cresceu ultrapassando a antiga fronteira agrícola, seguindo em direção ao sul do país. A partir desse momento, com a incorporação de novas terras a serem exploradas, a criação de gado bovino é descolado cada vez mais para o sul do país, e sendo substituído pela agricultura em suas antigas áreas de pastagem.

Segundo Cortés-Conde (1984:79), "a expansão não foi gerada por um aumento de preços, mas, antes, pela disponibilidade de novas terras e pela necessidade de reduzir os custos a fim de manter a viabilidade econômica da pecuária". E isto aconteceu com o capital inglês. Com ele foi possível a construção de uma infraestrutura que possibilitasse escoar a produção pecuária e agrícola dos campos para os portos necessitava de um enorme esforço de financiamento, que em muito excedia a capacidade do mercado financeiro argentino. Nas décadas de 1860 e 1870, foram fundados bancos privados com a finalidade de financiar a economia ovina. Porém, suas reduzidas dimensões não as habilitavam para uma tarefa desta envergadura. De acordo com Hora (2010:170), os recursos que sustentariam o grande ciclo

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

de investimentos teriam que vir de fora, e a sua origem do maior centro financeiro mundial naquele tempo, a cidade de Londres. A Inglaterra era a maior, ou a única fonte, de recursos das maiorias das economias latino-americanas.

A partir de 1880, os capitais estrangeiros começaram a observar a Argentina com outros olhos. E não faltavam motivos: as grandes oportunidades oferecidas pela enorme quantidade de terras férteis e a mudança na segurança jurídica ao capital externo proporcionada pela consolidação do Estado nacional eram atrativos consideráveis.

O sucesso na captação de recursos pode ser constatado entre 1880 e 1913. Em 1880, a Argentina era o quarto maior destino dos capitais estrangeiros na América Latina, que estavam concentrados em empréstimos ao governo federal ou para empresas estatais. Em 1913, já era o principal destino dos capitais ingleses.

Tabela 1: Principais destinos dos investimentos britânicos na América Latina, 1865 – 1913 (em milhões de libras esterlinas).

País	1865	1875	1895	1900	1905	1913
Argentina	2,7	22,6	46,0	190,9	253,6	479,8
Brasil	20,3	30,9	47,6	93,0	124,4	254,8
México	25,6	28,4	40,8	93,6	119,5	132,1
América Latina	80,9	174,6	250,5	552,5	688,5	1.179,5

Fonte: Miller (1993 apud HORA, 2010:171).

No começo do século XX, o volume de capital estrangeiro, principalmente inglês, cresceu substancialmente e focou-se em empreendimento no setor produtivo, em destaque o setor ferroviário (Hora, 2010:170). Entre 1885 a 1891, o total de investimentos ingleses no setor ferroviário havia chegado ao montante de duzentos e trinta milhões de pesos conversíveis (Cortês-Conde, 1963:149). Como resultado, a malha ferroviária Argentina cresceu de forma acelerada. E nos anos seguintes, isso não seria reduzido.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

Tabela 2: Argentina: Malha Ferroviária e Carga Transportada: 1870 a 1914

Ano	Extensão (km)	Carga Transportada (mil toneladas)	Tonelada Transportada (por Km)
1870	732	Nd	Nd
1875	1.384	660	477
1880	2.313	772	334
1885	4.541	3.050	672
1890	9.254	5.420	586
1895	14.222	9.650	679
1900	16.767	12.659	755
1905	19.682	22.770	1.157
1910	27.713	32.561	1.175
1914	34.534	34.274	992

Fonte: Vásquez-Presedo (apud LENZ, 2004:102) e tabulações do autor.

O bom acesso aos recursos naturais para o desenvolvimento da atividade agrícola e pecuária é condição necessária para a ampliação consistente destas atividades. Neste caso, a disponibilidade argentina de grandes planícies com terras férteis e virgens para a criação de gado e posteriormente cultivo de cereais, eram um ambiente extremamente favorável à expansão destas atividades. A barreira natural para o aproveitamento destas terras era o custo de transportes das mercadorias ali produzidas, que eram transportadas anteriormente em lombos de mulas e cavalos em direção aos portos.

Nestas condições, os fretes eram extremamente caros o que se constituía em grande obstáculo a ser superado. O uso da estrada de ferro representou um amplo avanço para estas economias do interior, proporcionando melhor integração entre Buenos Aires, ao reduzir o custo de transporte e diminuir o tempo de deslocamento. Como resultado, uma onda de progresso passa a caminhar em direção ao interior dos pampas levando um substancial crescimento na atividade econômica.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

Não se deve esquecer também, que a economia argentina estava, naquele momento, sendo tremendamente beneficiada no comércio internacional, durante as últimas décadas do século XIX. Neste período, a revolução industrial, que se desenvolvia em sua segunda fase, demandava produtos básicos. De modo que, não somente a Argentina foi beneficiada com este processo, mais outros países de colonização recente como Canadá, Austrália e Nova Zelândia, também obtiveram grandes ganhos neste período<sup>9</sup>. Assim, as condições favoráveis auxiliaram as estas economias a apresentarem um grande surto de crescimento econômico<sup>10</sup>.

Entre 1870 e 1913, o produto argentino cresceu 1134%, uma das taxas de crescimento mais elevadas já constatadas, muito superiores ao apresentado pela Nova Zelândia (580%) e Austrália (327%), Canadá (445%) e Estados Unidos (425%). Todavia, quando os dados são desagregados por períodos distintos, a grande fase de crescimento argentino se deu justamente entre 1870 e 1900, quando o produto cresceu quase 450%. Foi justamente neste período que se consolidou a agricultura e a pecuária de exportação. No período seguinte, 1900 a 1913, o ritmo de crescimento apresentou uma diminuição, porém ainda permanece elevado.

---

9

A escolha destes países se deve as suas características semelhantes, tais como: grandes pastos a serem explorados, locais de recepção de grandes contingentes populacionais de origem europeia; e forte influência econômica do capital inglês.

10

Para efeito de comparação, foram escolhidos dois períodos não marcados por grandes choques externos: 1900 e 1913; ano anterior a Primeira Guerra Mundial.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

Tabela 03: Países Selecionados: Taxa acumulada de Crescimento do Produto Interno Bruto e Renda Per Capita – 1870 a 1938 (%)

Ano	1870 a 1900	1900 a 1913	1870 a 1913
Produto Interno Bruto			
Argentina	449,4	124,7	1134,6
Austrália	158,4	65,6	327,9
Nova Zelândia	284,5	66,7	540,9
Canadá	148,0	119,8	445,0
Estados Unidos	217,7	65,6	425,9
Renda Per Capita			
Argentina	110,2	37,8	189,7
Austrália	22,6	28,5	57,5
Nova Zelândia	38,7	19,9	66,2
Canadá	71,8	52,7	162,4
Estados Unidos	67,3	29,6	116,8

Fonte: Maddison (2001) e tabulações do Autor.

## 5. AS MIGRAÇÕES

Por volta da metade o século XIX, a população argentina era bem reduzida. Habitavam nas terras platinas um pouco mais que um milhão e cem de habitantes. Entre 1871 e 1914, cerca seis milhões de pessoas entraram na Argentina; desse total, dois milhões e setecentos mil retornaram as suas terras de origem e três milhões de duzentas mil permaneceram no país (Gallo, 2002:513). Em 1914, a população do país chegava há pouco mais de sete milhões e seiscentas pessoas. O grande aumento da população havia sido resultado do grande fluxo migratório.

Após a guerra pela independência política, os governos que se sucederam tentaram atrair mão de obra estrangeira. Desejavam-se obter trabalhadores de procedência germânica e saxão para desenvolver as

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

abundantes terras disponíveis. Embora, após a independência, a igreja católica permanecesse influente nas decisões do país, o governo abria concessões para membros de outras igrejas, como forma de atrair os melhores trabalhadores da Europa.

Em 1876, é promulgada uma lei que assegurava ao imigrante o pagamento da passagem completa. Porém, ela não assegurava ao imigrante uma parcela de terras para que ele pudesse desenvolver suas atividades. Isto seria o indício, para qual finalidade serviria os novos trabalhadores. Não haveria espaços suficientes para os novos colonos, mas grandes oportunidades para peões de fazenda (Lenz, 2004:176).

Porém, eles viriam de qualquer forma. O fluxo migratório foi similar ao que havia ocorrida com os investimentos estrangeiros. A partir da segunda metade da década de 1880, ingressaram anualmente no país cerca de cento e cinquenta mil novos trabalhadores, sobre uma população um pouco maior que três milhões de habitantes. Entre 1905 a 1913, a média anual sobe para trezentas mil pessoas.

Segundo dados do Censo Nacional de 1914, aproximadamente trinta por cento da população do país era de origem estrangeira. Na cidade de Buenos Aires, este contingente era quase a metade.

Tabela 04: Argentina: Migração e Imigração -1900 a 1914

Ano	Imigrantes	Emigrantes	Saldo
1905	221.622	82.772	138.850
1906	302.249	103.852	198.397
1907	257.924	138.063	119.861
1908	303.112	127.032	176.080
1909	278.148	137.508	140.640
1910	345.275	136.405	208.870
1911	281.622	172.041	109.581
1912	379.117	172.996	206.121
1913	364.271	191.643	172.628
1905 a 1913	2.733.340	1.262.312	1.471.028

Todavia, os imigrantes que vieram ao país não eram bem diferentes daqueles pretendidos pelo governo. Esperava-se que viessem para o país, trabalhadores das regiões mais desenvolvidas da Europa. A maioria dos imigrantes era de dois países, Espanha e Itália, consideradas subdesenvolvidas. Entre 1871 e 1914, a Itália respondeu por 47% dos imigrantes, enquanto que a Espanha contribuiu com 32% (Hora, 2010:174-181)<sup>11</sup>.

Cabe assinalar que um dos fatores que impulsionaram a entrada mássica de espanhóis no país, além do idioma, era que, naquele momento as possibilidades para os camponeses e operários espanhóis migrarem para a ilha de Cuba – principal colônia espanhola – estava sendo reduzida, visto que era considerada a joia da coroa. Pois, no final do século XIX, Cuba vivia um movimento por independência que custava centenas de mortes em combates que praticamente havia arruinado a economia da colônia. Já os italianos que ingressavam na Argentina seguiam praticamente os mesmos motivos que os seus compatriotas que viajavam com destino ao Brasil.

Entre 1905 e 1913, mais de dois milhões e setecentas mil de pessoas ingressaram na Argentina, porém uma grande parte deste contingente populacional retornava sazonalmente as suas terras originais, um milhão de duzentos sessenta mil. Estas pessoas eram denominadas de “aves de paso<sup>12</sup>”. No caso deste país, isto se referia aos deslocamentos da mão de obra entre a Argentina e a Europa entre 1905 e 1913. Visto que neste período, Taylor (1994:656) afirma que os salários pagos no campo representavam em alguns

---

11

Outros grupos: Franceses, turcos otomanos, gregos, judeus..

12

“Aves de passo”, passeio ou aves de arribação, é um fenômeno observado na fauna, onde as aves em certo período migram de uma direção para outra em busca de melhores condições de sobrevivência e reprodução.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

casos: de duas a três vezes a remuneração pagas nas zonas agrícolas europeias, o que se constituía em forte atrativo para estes deslocamentos populacionais. Assim, com incentivo, mantinha-se o contínuo ciclo de deslocamentos populacionais ao sabor do período das colheitas<sup>13</sup>. Mesmo com este fluxo de trabalhadores retornando a sua terra, quase um milhão e meio deles permaneceram no país.

A migração argentina era bem sensível às flutuações econômicas. Os imigrantes chegavam, em maior número, na época que a economia estava se expandindo e os salários aumentando. Por outro lado, quando a economia estava em contração, e os salários em queda, eles ingressavam em menor quantidade. Um mercado de trabalho tão flexível possibilitava acentuar o ingresso de novos trabalhadores nas fases de crescimento e contrair, via saída dos imigrantes, o impacto negativos sobre os salários nas fases negativas.

Cabe destacar que os incentivos salariais, principalmente a partir de 1900, não eram o único incentivo para atrair trabalhadores para o país. A Argentina oferecia melhores condições para a progressão social e econômicas, que as encontradas nos países de origem. Tanto no campo como nas cidades, o crescimento econômico havia trazido grandes oportunidades para os que ali ingressavam, visto que, havia uma carência de mão de obra especializada. Estas carências abriam espaços para que alguns imigrantes pudessem trabalhar como produtores independentes.

Segundo Hora (2010: 178), "O fluxo migratório se moveu ao ritmo de três grandes ciclos econômicos. Se expandiu nos anos oitenta, se contraiu nos anos noventa, e voltou a crescer até 1914".

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

O ingresso dos imigrantes na sociedade argentina melhorou consideravelmente a qualidade do capital humano. Em 1869, um entre cada quatro homens sabia ler e escrever. Já entre as mulheres esta proporção era mais reduzida: neste caso de um para quatro.

A migração propiciou mudanças na estrutura social e profissional da nação. A introdução de novas tecnologias no campo, como por exemplo, a mecanização das lavouras, reduziu a demanda por trabalhadores em termos relativos, porém com a crescente urbanização abriu novas possibilidades na construção civil (Gallo, 2002). A expansão do setor exportador promoveu a urbanização e contribuiu para o desenvolvimento de uma classe operaria e de uma classe média assalariada. O aumento no poder de compra da população possibilitou a formação de um mercado interno consumidor e ampliou o mercado para produtos manufaturados (Bulmer-Thomas, 2010:154-156)<sup>14</sup>.

## 6. AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO

As inovações tecnológicas tornaram possível a exportação de carne para os mercados europeus, abrindo novas possibilidades de crescimento na atividade. A melhora nas condições de transporte e na tecnologia de armazenamento de produtos congelados possibilitou que a produção de carne para o consumo, e não somente de lã, couros e sebos, se convertessem, em seguida, na principal atividade dos produtores rurais.

Inicialmente, eram exportadas as carnes ovinas devido à facilidade de manipulação e transporte. A partir de 1883, são estabelecidas empresas

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

frigoríficas que congelavam a carne para abastecimento, tanto internas, como externamente. Vale salientar que o mercado externo era mais rentável e proporcionava maiores lucros, porém o mercado interno também era importante, pois as suas dimensões era bem maior quando considerado somente o volume (Fausto e Devoto, 2004:160)<sup>15</sup>. Um bom exemplo disso é que em 1915, um pouco mais que 60% de todas as carnes abatidas pelos frigoríficos eram destinadas ao mercado interno.

O surgimento de novas oportunidades para a produção pecuária ovina levou a uma mudança substancial no processo de criação do gado. Antes eram criadas ovelhas pertencentes à raça merina, que oferecia uma lã de boa qualidade. Com a demanda por carne aumentando, os pecuaristas argentinos passam a adotar novas raças mais apropriadas para a produção, ou seja, além da lã, a carne. Nesse sentido, os pecuaristas foram bem rápidos em atender as novas exigências do mercado. Entre 1888 e 1893, mais de cinquenta milhões de cabeças de gado da raça merino haviam sido substituídas por outras raças (Hora, 2010:186)<sup>16</sup>. As vendas de lã, carne e outros derivados da pecuária ovina mantiveram-se como os principais produtos exportados até o começo da Primeira Grande Guerra.

A redução nos custos de transportes, o surgimento de grandes instalações processadoras e de navios dotados de câmaras frigoríficas adaptadas para transportar carcaças bovinas inteiras, também mudaram a vida do pecuarista argentino no final do século XIX. A produção de gado bovino foi bastante incentivada, em decorrência das facilidades encontradas para escoar a produção. É oportuno ressaltar, que o mercado internacional constituiu-se no

---

15

Em 1900, 20% de todas as importações de carnes efetuadas pela Inglaterra eram provenientes da Argentina. Em 1906, este percentual alcançava a 44%.

16

Tratava-se de uma das mais rápidas e profundas mudanças genéticas ocorridas no mundo até então, em um setor pecuário inteiro..

Artigo original  
Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro  
ISSN: 1809-1261  
UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.  
principal atrativo para a expansão desse setor.

Cortês-Conde (2002: 500) afirma que ao focar o mercado externo, a necessidade de produzir carne de qualidade para o exterior requeria alguns ajustes no seu sistema produtivo. Entre as adaptações ocorridas estavam mudanças no uso da terra, no sistema de propriedade da terra e no tamanho das fazendas de gado<sup>17</sup>. Tais ações possibilitaram um aumento na produtividade da carne por hectare e na produtividade dos trabalhadores. Por outro lado, o aumento da lucratividade da atividade pecuária bovina possibilitou a adoção do sistema de arrendamento, como forma mais racional para conduzir os negócios no campo. Não adiantava mais manter grandes extensões de terras intactas, era mais coerente coloca-las para produzir.

Nesse sentido, o crescimento da indústria de carne argentina baseou-se no investimento de novas raças, na qualidade do pasto e no método de cruzamento de animais (Lenz, 2004:305). O resultado dessa combinação foi uma carne de qualidade excepcional a um custo extremamente baixo.

Em 1880, as exportações de carne bovina e ovina representavam quase a totalidade de todas as vendas ao exterior (Hora, 2010:189)<sup>18</sup>. O mercado para estes produtos no exterior apresentava condições extremamente favoráveis, de modo que foi possível triplicar as exportações, entre 1880 e 1914. Todavia, em 1914, sua participação havia caído para a metade da pauta de exportações argentinas. O que teria acontecido?

A resposta a esta pergunta estava nos campos. Nesse período a agricultura de grãos cresceu significativamente, tornando este país um celeiro

---

17

O aumento na produtividade e na lucratividade da terra permitiu a grande valorização das propriedades depois de 1905.

18

Na realidade, aproximadamente de 95%.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

para o mundo. A pecuária bovina deu sua contribuição à agricultura, com o aumento da demanda por pastagens artificiais. Isto era consequência da introdução de novas raças bovinas como fornecedoras de maior quantidade de carne para consumo. Neste caso, o cultivo da alfafa se adaptou melhor ao solo e ao clima dos pampas. Junto com a alfafa, outros cultivos foram introduzidos no campo. Assim, rapidamente começaram a semear a terra com sementes de milho e trigo, como resultado da introdução desta forrageira.

Havia grande dificuldade em encontrar mão de obra para arar o solo, isto fez com que os grandes proprietários de terras encontrassem como alternativa, o uso da prática da meeira como forma de evitar o trabalho assalariado. Neste modelo, as famílias de imigrantes assinavam um contrato com o proprietário da terra por um prazo médio de três ou quatro anos. Durante este período, os arrendatários se comprometiam a destinar uma parte de sua produção de cereais como forma de pagamento. Após o fim do contrato, as famílias eram obrigadas a deixar a propriedade, com o solo já adaptado ao cultivo das forragens, e seguiam para um terreno vizinho onde continuaria novamente este ciclo.

Segundo Hora (2010:192): “Este sistema, que articulaba agricultura y ganadería, fue quizás La principal –aunque no la única – modalidad contractual a través de la cual cobró forma el desarrollo agrícola en la mayor provincia argentina.” Como consequência, em grande parte das mudanças ocorridas no campo, a produção agrícola argentina cresceu consideravelmente tornando-se sua produção um elemento de exportação. Nesse sentido, as ferrovias desempenhavam um papel fundamental para escoar a produção dos campos para os portos e, a mão-de-obra imigrante, necessária para arar os solos.

Entre 1888 e 1910, a superfície plantada de trigo, milho e linho haviam crescido em mais de dez milhões de hectares, chegando a quase doze milhões. Todavia, isto se tornou possível pelo uso de tecnologias intensivas em capital,

que poupavam o uso da força de trabalho, tanto no plantio, como na colheita.

O desenvolvimento da agricultura extensiva e especializada orientada para o mercado de exportação, somente foi viável com a mecanização da produção agrícola (Hora, 2010:193).

À medida que os grãos argentinos iam ingressando no mercado internacional em grandes quantidades, a comercialização dos produtos passou a ser controlada por um oligopólio formado por quatro empresas exportadoras (Fausto e Devoto, 2004:166 e Hora, 2010:197)<sup>19</sup>. Estas empresas desempenhavam o papel de organizar o mercado e financiar os produtores rurais. Além disso, movidas pelo interesse no lucro, elas difundiam novas técnicas de cultivo e promoviam a aclimatação de adaptação de sementes. Em outras palavras, elas controlavam o mercado impondo ao produtor seus preços e mantendo uma alta margem de lucro.

Entre 1880 e 1914, as exportações de grãos foram multiplicadas nove vezes. Em 1910, metade da produção de trigo nacional era exportada, dois terços da produção de milho, mais de 80% da produção de linho. O crescimento das exportações de grãos possibilitou diversificar a pauta de exportações. Nenhuma mercadoria possuía mais que 25% de participação.

Tabela 05: Comércio Exterior argentino 1870-1914

Ano	Exportações em milhões de pesos-oro	Importações em milhões de pesos-oro
1870/1	30.223	49.124
1875/6	52.009	57.624
1880/1	58.382	45.536
1885/6	83.879	92.222
1890/1	100.819	142.240
1895/6	120.068	97.789
1900/1	154.600	106.851
1905/6	322.844	205.154

Artigo original  
Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro  
ISSN: 1809-1261  
UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

1910/11	372.626	351.770
1914/15	349.254	271.818

---

Fonte: Cortés-Conde (1963).

## 7. O MERCADO INTERNO E A INDÚSTRIA NA ERA DE OURO DA ECONOMIA

Entre 1870 e 1913, a economia argentina havia experimentado um crescimento contínuo por quase meio século, que possibilitou na criação de um significativo mercado interno para os produtos manufaturados. Durante este período de prosperidade, a Argentina consegue colocar, como nação agrícola, seus principais produtos na cadeia produtiva mundial. Sua inserção no comércio internacional lhe proporcionou grande desenvolvimento, quando comparado com o desempenho dos demais países da América Latina.

Naquele momento, a renda per capita argentina era equivalente a maior parte dos atuais países europeus considerados desenvolvidos. Sua economia, comparada com outros países da América Latina, somente rivalizava com a dos Estados Unidos. Entre as décadas de 1880 e a de 1910, a sociedade argentina experimentou um processo de crescimento urbano sem precedentes em sua história. A participação dos habitantes nos centros urbanos passou de 34,6% para 57,3% da população total entre 1869 e 1914. Nesse mesmo período, a população urbana cresceu de seiscentas mil pessoas para quase quatro milhões e quinhentas mil. Nos campos, a velocidade de crescimento populacional era mais lenta, de um milhão e cem mil para três milhões e quatrocentos (Hora, 2010:209-210).

A capital do país, Buenos Aires, concentrou a maior parte do crescimento populacional, tornando-se uma das maiores cidades do mundo em 1914, com um milhão e meio de habitantes. O aumento da população urbana auxiliou a diversificação da demanda por mercadorias importadas e criaram

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

condições propícias para o desenvolvimento da produção local de bens e serviços. A centralização da rede ferroviária em Buenos Aires e ampliação do porto para receber navios de maior calado, possibilitaram concentrar a maioria das atividades de comércio exterior da nação nesta cidade<sup>20</sup>.

A prosperidade financeira, a consolidação da autoridade federal e o acesso ao financiamento internacional transformaram a estrutura física da cidade, tornando-a uma cidade moderna. O governo argentino investiu recursos na construção de uma rede de água e esgoto, iluminação pública, calçamento, abertura de ruas e praças, construção de escolas, hospitais e monumentos públicos. Além de iniciar a construção de uma rede de trens subterrâneos. No começo do século XX, a cidade era uma obra a céu aberto (Hora, 2010:210-215).

O sucesso comercial argentino também se traduziu em uma mudança nos padrões de consumo. Para os mais ricos, identificar-se com o estilo de vida da aristocracia europeia era uma meta a ser alcançada, por meio do consumo de produtos e serviços de luxo e ostentação. Nesse sentido, o aumento na demanda por serviços especializados, proporcionou uma vasta lista de ocupações no serviço doméstico (cozinheiros, babás, camareiras, mordomos e motoristas). Este segmento social também impulsionou o consumo de obras de arte, porcelana fina, roupa, móveis, veículos, bebidas, produtos alimentares, artigos esportivos e armas de fogo (Hora, 2010:218).

O surgimento de uma classe média também impulsionava o consumo. O comércio e a indústria demandavam operários especializados que recebia uma remuneração elevada para suas funções (Amsden, 2004).<sup>21</sup>. Suas dimensões

---

20

Outros portos de importância eram La Plata e Bahía Blanca.

21

Era comum contratar operários estrangeiros especializados para operarem e consertarem as máquinas, dada à carência de técnicos encontrados nos países periféricos.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

havia sido expandidas pela ação do setor público em aumentar o número do seu quadro de funcionários, em função das necessidades do Estado. A política de educação implementada contribuiu com este resultado, o número de trabalhadores ocupados na educação saltou de dezoito mil em 1895, para oitenta e dois mil em 1914. Da mesma forma, os empregados na administração pública passaram de vinte e quatro mil para cento e nove mil no mesmo período. A classe média havia crescido em tamanho e no poder de sua renda. Embora não existam dados precisos, seu tamanho girava em torno de 15% a 30% da população. Este segmento da população se converteu no maior mercado consumidor de bens e serviços (Hora, 2010: 218-219):<sup>22</sup>.

Para as camadas populares, em maior parte formada por grupos imigrantes, os efeitos sobre o consumo se deram pela incorporação dos hábitos e consumos alimentares verificados nos seus países de origem. Os salários mais altos, proporcionados a partir da virada do século, promoveram o consumo de cerveja, cacau, café sabão e cigarros. Também, cresceram de forma significativa, o consumo de roupas e calçados. Pelo mesmo motivo, crescem as importações de mercadorias consumidas habitualmente pelos imigrantes em suas terras nativas: tecidos, bebidas, alimentos, azeite de oliva, etc.. Havia, portanto um forte mercado a ser abastecido (Cortês-Conte, 1963:159).

O crescimento da indústria argentina esteve centrado no mercado interno, em particular nos bens de consumo leves, nos setores ligados a alimentação, bebidas, cigarros e confecções. Havia também, fábricas de cerveja, moinhos de trigo e panificação, usinas de gás e energia elétrica (Cortês-Conde, 1963:159). A maior parte das fabricas estava localizados em Buenos Aires e periferias, próximas ao principal mercado consumidor.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

As empresas instaladas conseguiram abastecer o mercado interno. Em 1914, isto representava cerca de 90% da demanda por alimentos, 88% das roupas, 70% dos móveis e veículos (Hora, 2010:226). Todavia, nos setores em que eram exigidos grandes investimentos em capital ou acesso a baixo custo à energia ou matérias primas de origem mineral, o crescimento era mais difícil. Neste respeito, a expansão da indústria metalúrgica argentina foi restringida, devido a não existir na época jazidas de carvão e ferro no país. Pelo mesmo motivo, ausência de matérias primas em quantidade suficiente – não havia produção de algodão no país – e a um preço viável, a produção de tecidos somente respondia a 22% do consumo nacional.

A tendência à concentração de mercado era visível no setor frigorífico, onde cinco empresas estrangeiras controlavam o setor. A indústria de cerveja era controlada por duas firmas, enquanto que a produção de fósforos era dominada pela Compañía General de Fósforos. Contudo, as grandes empresas conviviam com uma enorme quantidade de pequenas fábricas, muitas delas de fundo de quintal, que por sua vez representavam a maior parte do setor.

A participação dos imigrantes no setor industrial era notável, eles haviam trazido de seus países de origem certa experiência industrial e artesanal (Bagu, 1961). Segundo Cortês-Conde (1963:159), em 1895, 84,2% dos proprietários de fábricas eram estrangeiros, enquanto que 63,3% eram empregados. Eles estavam concentrados nos setores alimentação, vestuário e artigos de higiene pessoal. Entre 1895 e 1914, o número de estabelecimentos industriais saltara de vinte e três mil para quarenta e nove mil. Da mesma forma, a quantidade de trabalhadores empregados havia passado de 170 mil para 410 mil.

Tabela 06: Trabalhadores empregados na indústria - 1895 e 1914

	Argentinos	%	Estrangeiros	%	Total
1895	72.391	41,2	103.291	58,8	175.682

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

---

1914	209.623	51,1	200.578	48,9	410.201
------	---------	------	---------	------	---------

---

Fonte; Conde-Cortés (1963).

Porém, em 1914, metade do capital do setor industrial estava alocada na mineração e 25% nos serviços públicos, e apenas 13,6% em atividades de manufatura. As técnicas de produção não foram desenvolvidas e nem aperfeiçoadas, como na história dos Estados Unidos. O empresário local pouco conhecia a atividades de seu negócio e não havia incentivos para melhorar o capital humano, mesmo que o governo local aumentasse os recursos para a educação, eles eram insuficientes para proporcionar mão-de-obra qualificada<sup>23</sup>. O resultado foi uma indústria defasada no tempo, que progredia em condições similares as encontradas nas primeiras fases da Revolução Industrial Inglesa (Landes, 1998: 367-368). Ainda assim, a produção manufatureira experimentou um salto de qualidade, passando da fase dos teares manuais para a mecanização.

Hora (2010:229-230) destaca o papel dos imigrantes que ingressaram no país contribuíram decisivamente para a expansão industrial, por meio de seus recursos e habilidades trazidas. O governo entrou com sua parte, lançando mão de uma forte barreira tarifária, de forma consciente ou não, visando à diversificação da estrutura produtiva. Estas transformações ocorreram nas maiores cidade do litoral, em particular, Buenos Aires, que se converteu no polo industrial do país.

Um cenário comum aos países abaixo do Rio Grande<sup>24</sup>, durante a época colônia até o final do século XIX estava na escassez de capitais. Nas sociedades agrárias latinas, as principais representações de riqueza se faziam por meio da posse de ativos fixos; entre as quais podemos citar: aquisição de grandes propriedades rurais ou de residências instaladas nas cidades; ou de ativos móveis, como por exemplo: manutenção de grandes rebanhos de gado.

Neste modelo econômico, ter a posse de terras e gado era forte sinônimo de poder e riqueza. Porém, as mudanças que haviam ocorrido na Europa e Estados Unidos tardaram a chegar às Américas, e isto ocorreu com maior intensidade nas décadas finais do século XIX. Como esta corrente transformadora surge à necessidade de mais investimentos em infraestrutura, imprescindíveis à expansão das atividades produtivas. Porém, as condições dos sistemas financeiros dos países latino-americanos, naquele momento, representavam o forte obstáculo ao seu desenvolvimento, pois eram incapazes de financiar os gastos necessários para esta tarefa.

Além disso, também havia uma forte pressão para que os recursos locais controlados pelo setor público fossem destinados a financiar a juros subsidiados, os setores econômicos com forte suporte político<sup>25</sup>. Porém, os recursos eram poucos e insuficientes e quando eram disponíveis estavam sujeitos a toda a sorte de pressões políticas.

Na visao de Bagu (1961:127):

---

24

Rio que separa a fronteira do México com os Estados Unidos.

25

Neste caso, estariam incluídos os agricultores e pecuaristas.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

El crédito bancario estuvo siempre generosamente abierto para el gran propietario de tierras y ganado. En La práctica el Estado financio, en porcentaje sumamente elevado, casi todas las operaciones de adquisición del ganado que hacían los grandes propietarios pecuarios.

Para os industriais argentinos, as condições para obter financiamento de longo prazo eram bem reduzidas, caso optassem pelo caminho de contrair recursos nos bancos comerciais existentes. Em linhas gerais, o governo argentino não ajudava as manufaturas locais com uma política específica de crédito. Os bancos oficiais que poderiam financiar a produção com prazos mais longos, operavam principalmente em crédito agrícola, e ofereciam empréstimos de curto prazo, em até seis meses. Para prazos mais elevados, restava, portanto, os bancos privados ou usar capitais próprios.

Segundo Bagu (1961:127):

El industrial y el comerciante, tropezaran siempre con una actitud muy reticente por la parte de los bancos. En muy elevado porcentaje la financiación tuvo que hacerse al margen del sistema bancario y case por completo dentro de la órbita de la reinversión de los beneficios del capital.

Embora existissem grandes pressões para que o Estado fosse o agente indutor da economia ao prover recursos baratos aos nativos, a política econômica na maioria das nações era de cunho liberal e abertas a concorrência externa. As tarifas médias de importação, tanto do Brasil, Argentino como o México, eram inferiores as praticadas pelos Estados Unidos (Amsden, 2009). Os regimes cambiais seguiam o padrão ouro, sendo suas moedas e cotações lastreadas principalmente por libras esterlinas.

O papel do Estado nos países latino-americanos como agente financiador dos recursos necessários para os investimentos em infraestrutura estava seriamente limitado à sua capacidade de arrecadação tributária, visto que a maioria deles apresentava como principal receita os recursos provenientes da tributação alfandegária. Restava, portanto conseguir recursos fora.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

Não somente a Argentina, mas grande parte das nações latinas usou este artifício e passou a comprometer ainda mais suas futuras receitas alfandegárias. Destaca-se que a grande beneficiária deste processo fora a Inglaterra, que era a maior credora da região e com isto consolidava-se cada vez mais seu poder político e econômico sobre as economias latinas. O crédito para o comércio externo era controlado por casas bancárias inglesas. Com relação ao estoque do capital (Taylor, 1994:649), tornava bem claro a vulnerabilidade da economia ao capital externo, diga-se, em sua maior parte inglês. Em suas próprias palavras: “El empeoramiento de los resultados económicos relativos a Argentina puede atribuirse, en gran parte, a las desfavorables condiciones existentes para acumulación de capital a partir de 1913”.

Entre 1900 e 1913, a posse do estoque de capital por estrangeiros crescia a cada ano. No começo deste período os estrangeiros detinham 32% do estoque de capital do país, e no final este percentual havia chegado a 48%. Tais números sinalizavam uma forte dependência da economia nacional por capital externo em seu processo de acumulação (Taylor, 1994:657). Assim se o fluxo de capitais fosse cortado, as condições de crescimento estariam comprometidas.

A manutenção do fluxo de capitais externos era, portanto, condição essencial para continuar o crescimento econômico argentino. Todavia, quando não se é dono de seu destino, outros atores passam a determinar seu futuro. No caso argentino, um conflito em uma região montanhosa haveria de por fim em sua época de ouro do crescimento. Em 28 de julho de 1914, tem início no continente europeu a Primeira Grande Guerra, e depois dela o mundo já não seria mais o mesmo. As mudanças decorrentes após o início do conflito armado mudaram substancialmente a estrutura de comércio e de investimentos internacionais. Para a Argentina isto significou uma grande redução no poder econômico do capital inglês e a uma gradual ascensão dos Estados Unidos.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

Desse modo, a escassez de capital externo levou a poupança nacional argentina a depender exclusivamente do mercado interno para financiar a economia. Assim, as condições de crescimento no longo prazo estavam comprometidas, pois a economia local dependia fortemente do capital externo. Como reflexo direto, a taxa de crescimento entre 1913 e 1929, é reduzida para a um terço do apresentado entre 1900 e 1913. Era, portanto o fim ou o começo do fim da época de ouro da economia argentina.

#### Bibliografia Consultada

AMSDEN, Alice H. A ascensão do resto: os desafios ao ocidente de economias com industrialização tardia. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BAGÚ, Sergio. La estructuración económica en la etapa formativa de la Argentina moderna. Desarrollo Económico, p. 113-127, 1961.

BERNASCONI, Alicia. Imigrantes Italianos na Argentina (1880-1930). In: FAUSTO, Boris (org.). Fazer a América. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BETHELL, Leslie. A Grã Bretanha e América Latina, 1830 – 1930. In: BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina. v. IV. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2001.

BULMER-THOMAS, Victor. La historia económica de América Latina desde la independencia. 2a. edición. México: Fondo de Cultura Económica, 2010.

CORTÉS-CONDE, Roberto. Problemas del crecimiento industrial de la Argentina, 1870-1914. Desarrollo Económico. Revista de Ciencia Sociales, Buenos Aires, vol. 3, n 1-2, abril-setembro, 1963.

DONGHI, Tulio Halperín. A economia e Sociedade na América Espanhola do Pós-Independência. In Bethell, Leslie (org.). História da América Latina: da independência até 1870. v.III. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora Edusp, 2001.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada, 1850-2002. Editora 34, 2004.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

FLORIA. Pedro Navarro. El desierto y la cuestión del territorio en el discurso político argentino sobre la frontera Sur. Revista Complutense de Historia da América, vol. 28, 159-168, 2002.

FRONTOMS, Grabrel . La economía argentina durante el ciclo de la lana. Invenio: Revista de investigación académica, n. 22, pp.61-66, 2009.

GALLO, Ezequiel. A Argentina: sociedade e política, 1880 – 1916. In: BETHEL, Leslie (org.). História da América Latina. v.V. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2002.

GELER, L. El crecimiento industrial argentino hasta 1914 y la teoría del bien primario exportable. México: El Trimestre Economico, número 148, XXXVIII (4), outubro-dezembro, p.763-812, 1970.

GLADE, Willian. A América Latina e a economia internacional, 1870-1914. In: BETHEL, Leslie (org.). História da América Latina. v.IV. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2001.

HORA, Roy. Historia económica de la Argentina en el siglo XIX. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2010.

LANDES, David David. The wealth and poverty of nation. New York: W. W. Norton & Company, 1988.

LENZ, M. H. . Crise e negociações externas na Argentina no final do século XIX: o início da insustentabilidade do modelo aberto. Economia e Sociedade (UNICAMP. Impresso), v. 15, p. 375-399, 2006.

LENZ, M. H. A incorporação de novos territórios na Argentina no final do século XIX: a Campanha do Deserto e as estradas de ferro. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 561-587, 2004.

LENZ, M. H.. Investimento estrangeiro e fluxo imigratório: duas âncoras do crescimento da economia argentina no século XIX. Revista de Economia Política e História Econômica, v. 7, p. 116-142, 2010.

LENZ, M. H.. O papel de la Conquista del Desierto na construção do Estado argentino no século XIX. Ensaios FEE, v. 27, p. 543-559, 2006.

LENZ, Maria Heloisa. Crescimento econômico e crise na Argentina de 1870 a 1930: a Belle Epoque. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação de Economia e Estatística Sigfried Emanuel Heuser, 2004.

LYNCH, John. As Repúblicas do Prata da Independência à Guerra do Paraguai.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 13, 2014, pp. 24-59.

In Bethell, Leslie (org.). História da América Latina: da independência até 1870. v.III. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora Edusp, 2001.

MADDISON, Angus. The world economy: a millenium perspective. Paris: OECD, 2001.

MADDSON, Angus. The world economy. Historical statistics. Paris: OECD, 2003.

SÁNCHEZ- ALBORNOZ, Nicolas. A população na América Latina, 1850-1930. In: BETHEL, Leslie (org.). História da América Latina. v.IV. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1986.

TAYLOR, Alan M. Tres fases del crecimiento económico argentino. Revista de Historia Económica, ano XII, outono, n. 3, p. 649-683, 1994.

THORP, Rosemary. A América Latina e a Economia Internacional, da Primeira Guerra Mundial à Grande Depressão. In: BETHEL, Lelie (org.). História da América Latina. v.IV. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2001.

VILLARROYA, Isabel. La "Belle Époque" de la Economía Argentina, 1870-1913. Acciones e Investigaciones Sociales, número 23, p. 115-138, janeiro de 2007.

VILLARROYA, Isabel Sanz. Los Procesos de Convergencia con Australia y Canada: 1875 – 2000. Madrid. Universidad Carlos III. Documentos de Trabajo 03-03 (02) – Serie de Historia Económica e Instituciones, Febrero, 2003.